

Otimismo sem compromisso com os fatos

Infelizmente, o otimismo da junta médica e da família não corresponde à realidade. Na madrugada do dia 26, ainda no Hospital de Base, em Brasília — ou seja, três dias antes de sua prevista posse — o presidente apresentou sinais de uma hemorragia intestinal e a equipe que o assistia resolveu transferi-lo para o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

De inicio, a família relutou. Mas os argumentos acabaram por convencer Dona Risoleta e Tancredo embarcou, às 6h58min para São Paulo, onde chegou às 7h55min, sendo levado de ambulância até o hospital, num percurso vencido em 25 minutos.

Os médicos ainda tentaram sustar a hemorragia por meios mecânicos, mas resolveram que era necessária nova operação: a terceira em 11 dias. "Vamos sair de mais esta" — teria dito Tancredo a Dona Risoleta. Mas a situação era grave. A operação durou cinco horas e 20 minutos. Como sempre, os boletins médicos afirmaram: "a terceira operação obteve pleno êxito, o paciente está se recuperando etc etc".

A verdade, entretanto, era outra: os cirurgiões extirparam um anel de um centímetro do intestino do presidente, onde se localizava o foco da hemorragia, mas isso não foi suficiente, pois constatou-se uma infecção adquirida ainda no Hospital de Base de Brasília.

A hemorragia foi vencida, mas a infecção, provocada por bactérias muito resistentes, persistia. Tancredo foi submetido a um tratamento à base de antibióticos importados e os boletins vieram, novamente, "tranquilizar" a Nação. Diziam que, se a infecção não estava cedendo, estava, pelo menos, sob controle.

Não estava. No dia 28, as manchetes dos jornais não deixavam dúvidas: "Tancredo agora luta contra infecção". A bactéria se instalou exatamente na incisão feita em seu abdômen, durante a segunda operação, e tornou ainda mais combalido o organismo de um paciente de 75 anos de idade, já abalado por um stress emocional durante a campanha e a escolha do Ministério, e agravado seriamente por duas operações anteriores.

"O quadro é de absoluta normalidade" — insistiam os médicos. A pressão do presidente era boa, sua temperatura estava, e ele apresentava, segundo o presidente em exercício, José Sarney, "excelente estado de espírito".

Chegou o dia 29 — quando deveria assumir a Presidência, segundo os médicos disseram após a segunda operação — e Tancredo mostrava "evidentes sinais de melhora". Pode-se dizer que o presidente melhorava perigosamente, pois à tarde, entre 15 e 17 horas, teve febre (37,5°) e sua freqüência cardíaca subiu das 80 batidas normais por minuto para 105. As alterações cederam por volta das 20 horas, mas os médicos mantiveram-se em estado de alerta e, a partir daí, decidiram não fazer mais nenhuma previsão de alta. Isso não impediu que no dia 30 a junta afirmasse que o presidente vencia a fase mais crítica.

No dia 1º de abril — parece ironia do destino — os jornais publicaram que Tancredo estava tão bem que até iria participar das nomeações do segundo escalão: a infecção começava a ceder e o presidente perguntava insistentemente quando teria alta.

Não teria. No dia 2, os médicos já admitiam que o quadro clínico do presidente entrara "em fase de turbulência". A infecção persistia, apesar da constante troca de curativos e antibióticos, e Tancredo, em intervalos de seis em seis horas, aproximadamente, voltava a ter febres. O presidente já estava internado há 19 dias e segundo os médicos, "agora, quem deve resolver a parada é seu próprio organismo". Ou seja, a medicina, como Pilatos, lavava as mãos. Havia feito o possível.

Entretanto e infelizmente, o possível não foi suficiente. No dia seguinte, 3 de abril, a Nação, comovida e assustada, lia as manchetes: "Presidente submetido à quarta operação". O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, velho amigo de Tancredo, chegou a chorar em seu gabinete. O governador Franco Montoro, também emocionado, afirmou, na oportunidade, que o fato de o presidente ter sido submetido a quatro operações em 20 dias significava que ele tem "muita saúde".

Nas ruas, o povo, incrédulo,

falava em atentado a bala — um jornal chegou até a dizer que o disparo teria sido feito por um major — e recorria à macumba para tentar explicar o inexplicável: se Tancredo tinha

muita saúde, se recuperava bem, por que a quarta operação?

De acordo, mais uma vez,

com os boletins médicos,

tratava-se de extirpar uma her-

nia de seu abdômen. A hérnia

teria estrangulado uma alça in-

testinal e havia perigo de obs-

truir o intestino, o que seria fa-

tal.

De novo, a operação foi um

sucesso: o intestino foi desob-

struído e Tancredo reagia "posi-

tivamente". Dava a impressão

de que se tinha mais medo da

opinião pública do que da

possível morte do paciente.

No Congresso Nacional e no

Planalto, perplexidade: o sena-

dor Fernando Henrique, tão lo-

go soube da quarta cirurgia,

correu em busca de um telefone

reservado; Ulysses Guimarães,

olhos vermelhos, tenso, procu-

rava, sem encontrar, seu pró-

prio gabinete; o presidente em

exercício, José Sarney, mandou

o ministro-chefe do SNI, gene-

ral Ivan de Souza Mendes, que

cuidava da greve dos motoris-

tas em Brasília, para São Paú-

lo; pelo menos outros cinco mi-

nistros fizeram o mesmo.

Tancredo ficou lúcido durante

toda a quarta operação, pois re-

cebeu anestesia peridural, que

atinge apenas a região inferior

do corpo. Ao sair da sala de ope-

rações, disse a sua irmã, Es-

ther: "Eu vou ganhar esta para-

da". O cardeal-arcebispo de

São Paulo, Dom Paulo Evaristo

Arns, que esteve no Instituto do

Coração, deu sua opinião, espe-

rançoso: "O homem quer vi-

ver".

Esperava-se o pior. Tancredo

sobrevivia com a ajuda de apa-

relhos. Mas, surpreendendo a

todos, ele resistiu à operação.

Na Sexta-Feira Santa, uma no-

va onda de esperança espalhou-

se pelo País. Tancredo acorda-

ra sem febre: o quadro infeccio-

so regredira. A inflamação nos

pulmões estava sob controle dos

médicos. Seu estado psicológico

também era muito bom: chegou

a escrever bilhetes aos médi-

cios, fazendo referência a São

João Del Rey e a D. Risoleta, e

pedindo um rádio para ouvir os

salmos da Sexta-Feira Santa. A

situação, no jargão dos médi-

cios, evoluira de "crítica" para

"delicada".

No sábado, os exames de to-

mografia e ultra-sonografia a

que foi submetido indicaram

que não existia novos focos in-

fecciosos. O maior obstáculo

era o crescimento da inflama-

ção nos pulmões. Os médicos

chegaram a descartar, de for-

ma categórica, a necessidade

de uma nova cirurgia. O gover-

nador Franco Montoro saiu do

hospital entusiasmado com a

recuperação do presidente: "O

homem é de ferro", declarou

ele aos jornalistas, sintetizando

o otimismo reinante naquele

momento.

E na quinta-feira Santa, de

assustador o quadro tornou-se

crítico: a infecção se alastrou e

Tancredo voltou a ter proble-

mas nos pulmões. Os médicos

sempre chefiados pelo cirur-

gião Henrique Walter Pinotti,

decidiram: mais uma operação,

a quinta. Em 20 dias.

Antes desta quinta operação,

os médicos haviam preparado

uma ambulância para levar o

presidente ao Instituto de To-

mografia, onde seria submetido

a detalhados exames. Tomogra-

fia é o exame, através de sofisti-

cada aparelhagem, que identifi-

ca se o paciente tem ou não tu-

mores e se eles são benignos ou

malignos. Mas acabaram desis-

tindo da idéia e operaram o pre-

sidente na mesma sala onde fo-

ram realizadas as duas últimas

cirurgias.

Depois da crise da quinta

feira Santa, Tancredo apresen-

tou no dia seguinte sinais de re-

cuperação e até pediu, à sua

família, um rádio para ouvir

músicas. Mas na terça-feira,

dia 9, os brasileiros surpreenderam-se com a

notícia de que Tancredo Neves

havia se submetido a uma tra-

queostomia, seguida de uma

crise cardiorrespiratória. Era a

sexta cirurgia.

No dia seguinte, o quadro apresen-

tava-se grave e os médi-

cios já admitiam que o desli-

gamento da aparelhagem seria

fatal. A persistência de focos in-

fecciosos levou a equipe médica

a optar por uma sétima cirur-

gia, no dia 11. Foi uma laparoto-

mia, cirurgia exploratória para

a limpeza da cavidade do abdô-

men, onde se constatou novo

quadro infeccioso.

A partir daí a situação passou

a se agravar rapidamente, com

reflexos nas principais funções

orgânicas e a utilização cada

vez maior de meios artificiais

para manter vivo o Presidente.

O relatório apresentado à opi-

não pública no dia 17, pelo pro-

fessor doutor Pinotti, não con-

vincesceu, apesar da esperança

que tentou criar. E realmente o

caso estava perdido, como se

veio constatar depois.